



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE INCUBADORA
UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

MARINALDO DA SILVA SOUSA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO PROCESSO DE INCLUSÃO
SOCIAL: A EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CONGO-PB**

**SUMÉ - PB
2017**

MARINALDO DA SILVA SOUSA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO PROCESSO DE INCLUSÃO
SOCIAL: A EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CONGO-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Educação de Jovens e Adultos
com Ênfase em Economia Solidária no
Semiárido Paraibano, como pré-requisito
para a obtenção do título de Especialista.**

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

**SUMÉ - PB
2017**



S725e Sousa, Marinaldo da Silva.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de inclusão social: a experiência no município de Congo-PB. / Marinaldo da Silva Sousa. - 2017.

33 f.

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano.

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 2. Educação e inclusão social. 3. Congo - PB - Educação de Jovens e Adultos. 4. Aprendizagem. I. Título. II. Diniz, Paulo César Oliveira.

CDU: 374.7(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

MARINALDO DA SILVA SOUSA

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO PROCESSO DE INCLUSÃO
SOCIAL: A EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE CONGO-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz.
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Adriana de Fátima Meira Vital.
Examinadora Interna – UATEC/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.
Examinador Interno – UAEDUC/CDSA/UFCG**

SUMÉ - PB

Dedico esta produção acadêmica àqueles que, com a graça de Deus, permitiram-me a vida, meus pais.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao pai celestial, fonte de amor e esperança, por ter me conduzido durante toda essa trajetória.

Aos meus pais, pelo carinho e credibilidade na conquista desse título.

Aos meus queridos familiares e amigos, pelo carinho e apoio.

Ao meu professor orientador, pela paciência para comigo. Obrigado pela sua atenção, pois tudo que fazemos para ajudar ao próximo, pela própria lei da natureza, nos é devolvido em dobro.

À todos àqueles que fazem o corpo docente e avaliadores da UFCG, meu muito obrigado.

À turma do curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, Pólo de Sumé, por todos os momentos que passamos ao longo desta jornada. Agradeço de coração e devo mencionar que vocês vão deixar saudades.

Aos educandos da Instituição pesquisada no município do Congo-PB, meu muito obrigado.

SOUSA, Marinaldo da Silva. **As contribuições da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de inclusão social: a experiência no município de congo-pb.** monografia apresentada ao curso de pós-graduação em educação de jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para a obtenção do título de Especialista. (UFPB/CDSA), Sumé, 2017.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o Ensino Fundamental e Médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade. Incluir esses jovens e adultos no sistema educacional, prover condições de ensino, é uma necessidade e garantir que o acesso à escola por essas pessoas, que por um motivo ou outro no transcorrer de suas vidas foram privados desse direito, é obrigação e prevista por Leis que regulam os direitos humanos e Educação como um todo. A presente pesquisa traz reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem de Jovens e Adultos no município do Congo/PB e sua relação com a inclusão social. O Trabalho apresenta como objetivos: despertar e compreender nas pessoas a importância da EJA para o resgate da dignidade humana e inclusão social, privadas por uma sociedade injusta e preconceituosa para com os menos favorecidos. A relevância do estudo evidencia-se quando na função de Coordenador Pedagógico na Instituição pesquisadora. Pôde-se observar a importância desta modalidade de ensino na vida das pessoas. A metodologia utilizada foi do tipo exploratória e de observação, além da aplicação de questionários juntos aos alunos do ensino público de EJA. A pesquisa teve resultados satisfatórios, pois pudemos observar o quanto importante é a visão que o aluno da EJA tem da escola e da volta à escolarização, tornando-se fator principal da permanência dos mesmos na escola, bem como foram apontados as reais dificuldades encontradas ao retornar a escola.

Palavras-chave: EJA; Inclusão Social; Aprendizagem.

SOUSA, Marinaldo da Silva. **the contributions of education of youth and adults (EJA) in the process of social inclusion: the experience of the municipality of Congo / PB.** Monograph presented to the Postgraduate Course in Youth and Adult Education with Emphasis in Soldiery Economy in the Paraiba Semi-arid, as prerequisite for obtaining the title of Specialist. (UFPB/ CDSA), Sumé, 2017.

ABSTRACT

Youth and Adult Education (EJA) is a form of public school education in Brazil, with the objective of developing elementary and high school with quality for people who do not have school age and opportunity. To include these young people and adults in the educational system, to provide teaching conditions, is a necessity and to guarantee that access to the school by those persons, who for one reason or another in the course of their lives have been deprived of this right, which regulate human rights and Education as a whole. The present research has the purpose of reflecting on the teaching process of young people and adults in the municipality of Congo / PB and its relation with social inclusion. The objective of the work is to: • Awaken and understand the importance of the EJA for the rescue of human dignity and social inclusion, deprived of an unjust and prejudiced society to the less privileged; The relevance of the study is evidenced when in the role of pedagogical coordinator in the research institution, it was possible to observe the importance of this type of teaching in people's lives. The methodology used was exploratory and participant observation, as well as the application of questionnaires together with the students of the public education of EJA. The research had satisfactory results because we could observe how important is the vision that the student of the EJA has of the school and the Return to schooling, becoming the main factor of their stay in school, as well as pointed out the real difficulties encountered when returning to school.

Keywords: Youth and Adult Education; Social inclusion; Learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	11
2.2	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	13
2.3	DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EJA.....	15
2.4	A HISTÓRIA DA EJA NO MUNICÍPIO DE CONGO-PB.....	19
2.5	MOMENTO ATUAL DA EJA NO CONGO-PB.....	20
2.6	CONTRIBUIÇÕES DA EJA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL NO CONGO-PB.....	21
3	METODOLOGIA.....	24
3.1	ÁREA DE ESTUDO.....	24
4	ANÁLISE DOS DADOS: percepções e compreensões do campo pesquisado	27
5	CONCLUSÕES.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICES.....	37

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos - EJA é entendida como um campo vasto, pela perspectiva da sociedade contemporânea, como um aprender para toda a vida, como uma contribuição para o exercício da cidadania com seu caráter social e inclusivo, dando oportunidades para os indivíduos que não puderam concluir seus estudos por algum motivo específico.

Sabe-se que educar é muito mais que reunir pessoas numa sala de aula e transmitirlhes um conteúdo pronto. É papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária. Enfim, é acreditar nas possibilidades do ser humano, buscando seu crescimento pessoal e profissional (LOPES e SOUSA, 2005, p. 2).

Nessa lógica, considera-se que a escola como um todo tem um papel imprescindível na aprendizagem do aluno da EJA, e necessita estar sempre presente e procurando os meios que auxiliem o aluno em suas dificuldades, por vezes advindas de uma trajetória um tanto quanto conturbada, desde a alfabetização não concluída na idade correta até a não conclusão dos anos seguintes da escolarização.

Em sua vida escolar os alunos da EJA passam por vários problemas, como preconceitos, discriminações, críticas, dentre tantos outros. O próprio sistema de educação trata esse modelo de ensino com certo descaso como mostra a pesquisadora, Eliane Ribeiro Andrade em sua pesquisa *Os jovens da EJA e a EJA dos jovens* (2004, p. 45), “Perceber esses jovens do ponto de vista da EJA revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Na escola de EJA estão os jovens reais, os jovens aos quais o sistema educacional tem dado as costas”.

A EJA no Brasil foi uma modalidade de ensino que de início foi criada apenas com o objetivo de qualificar a mão-de-obra, assim formando indivíduos com pouco senso crítico. Normalmente, entendia-se, por educação de adultos, “apenas a transmissão assistemática de alguns poucos conhecimentos da cultura letrada, digo leitura e escrita, para os analfabetos”(COSTA, 2009 p.1).

A visão do que era a educação na época em que foi criada, estava diretamente ligada aos interesses das classes dominantes, sendo que para a elite bastava que os indivíduos soubessem ler e escrever superficialmente, para que pudessem ter o direito ao voto, pois com a reforma do sistema eleitoral de 1885 os analfabetos seriam excluídos do contingente eleitoral.

Essa visão extremante autoritária perdurou por décadas, reforçando a concepção centrada em políticas públicas que refletem o momento vivido na ditadura militar pela qual passara o país.

Devido a essa visão restrita do que era a educação, a ação e intenções das políticas educacionais são pensadas para um longo período. A educação de jovens e adultos é compreendida nesse contexto como um instrumento de manipulação, margeado de uma política inclusiva que pudesse de fato promover o sujeito em suas potencialidades pela política educacional.

Nesse viés ideológico político, teria o país duas políticas para a educação: uma que inserisse o indivíduo em uma relação com os processos de escolarização e outra concebida pela margem, que de sua parte, refletiria apenas uma visão – a visão de uma reprodutivista, tendo por pressupostos metodológicos uma educação bancária. Assim, a EJA é concebida à margem de uma política pública educacional que a concebesse como modalidade de ensino e inserida no contexto das macro-políticas.

Todavia, não há que se pensar sobre a não intencionalidade de qualquer ação política ou programa, pois trazem em seu bojo as intencionalidades do Estado em ação.

Nesse contexto, no Brasil, essa modalidade de ensino costumeiramente foi destinada a classes menos favorecidas, onde se encontram os jovens e adultos trabalhadores quase sempre pobres e excluídos da sociedade.

Assim, é necessário considerar distintas realidades sócio-político-educativas de cada sujeito, sua relação com a cultura, tanto com respeito aos processos históricos quanto a sua vivência na atualidade. Nesse sentido, a EJA tem um enorme desafio enquanto política pública cujas ações influenciam as decisões futuras do aluno.

O presente trabalho visualizou demonstrar a importância do EJA na educação, relacionada à inclusão social a qual pode ser vista como um conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade, provocada pelas diferenças de classe social, educação, idade, deficiência, gênero, preconceito social ou preconceitos raciais.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo, especificamente nas turmas de EJA. Despertar nas pessoas sobre a importância da EJA para o resgate da dignidade humana e inclusão social, privadas por uma sociedade injusta e preconceituosa para com os menos favorecidos é uma das possíveis contribuições dessa pesquisa.

A relevância deste trabalho se justifica socialmente pela possibilidade de ampliação do conhecimento sobre a aprendizagem dos alunos da EJA, o que pode auxiliá-los a se conscientizarem de suas ações em seus estudos e aos professores dessa modalidade de ensino, que possam adquirir mais recursos de intervenção e planejamento das metodologias a serem utilizadas em suas aulas, o que pode contribuir para a melhoria da educação e a promoção da

exclusão social dentro dessa modalidade de ensino. Além disso, verifica-se uma carência de informações sobre o processo de aprendizagem de alunos da EJA, sendo mais comuns estudos organizados para a reflexão histórica e política da apropriação de conhecimento desse seguimento de ensino. Com isso, esta pesquisa propõe contribuir, também, teoricamente para a área educacional, na modalidade da EJA, tanto no sentido de somar informações no campo da pesquisa, provendo dados que amplie os conhecimentos sobre esta população, quanto de maneira prática, divulgando resultados às escolas e aos professores participantes da pesquisa.

Para o desenvolvimento deste trabalho, no primeiro e segundo capítulo abordou-se a história da Educação em um panorama geral da EJA, tendo em vista dar informações de como esta modalidade de ensino está situada no cenário nacional e as perspectivas de ensino nessa área por meio da visão de teóricos que discutem o tema bem como as dificuldades de aprendizagem. O terceiro capítulo descreve-se a metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa. A seguir, no quarto capítulo foram levantados a história da EJA no município do Congo, retratando o momento atual e destacando quais as contribuições da EJA no processo de Inclusão Social. O quinto capítulo trata da análise dos dados: percepções e compreensões do campo pesquisado e o sexto capítulo encerra com as considerações finais, referências bibliográficas por nós utilizadas e os apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A história da educação é parte da história da cultura que, por sua vez, faz parte da história geral. Em cada tempo/espaço histórico, a educação atendeu a determinados objetivos, que correspondiam a visões de homem e de mundo. Para compreender a história da educação, é essencial situá-la na história geral. Dentre as principais fases da história da educação estão as seguintes: Educação Primitiva, Oriental, Clássica, Medieval, Humanista, Cristã Reformada, Realista, Naturalista e Nacional (LUZURIAGA, 1981).

A educação no Brasil caminhou por veredas tortuosas desde o início, reservada a uma elite dominante e totalmente exploradora, sempre esteve voltada a estratificação e dominação social. Esteve arraigada por diversos séculos em nossa sociedade a concepção de dominação cultural de uma parte minúscula da mesma, configurando-se na ideia básica de que o ensino era apenas para alguns e, por isso, os demais não precisariam aprender.

As oligarquias do período colonial e monárquico estavam profundamente fundamentadas na dominação via controle do saber. Caracterizou-se nesse período colonial, bem como no monárquico, um modelo de importação de pensamento, principalmente da Europa e, conseqüentemente, a matriz de aprendizagem escolar fora introduzida no mesmo momento. “Foi a família patriarcal que favoreceu, pela natural receptividade, a importação de formas de pensamento e ideias dominantes na cultura medieval europeia, feita através da obra dos Jesuítas”, nas palavras de Romanelli(2001, p. 33).

Assim, a classe dominante passou a ser detentora dos meios de conhecimento e de ensino. Isso implicou no modelo aristocrático de vida presente em nossa sociedade colonial e posteriormente na corte imperial de D. Pedro. Existiram dois fatores fundamentais na formação do modelo educacional brasileiro, ou seja, “a organização social (...) e o conteúdo cultural que foi transportado para a colônia, através da formação dos padres da companhia de Jesus” (ROMANELLI, 2001, p. 33).

Destante, a educação sempre possuiu uma dimensão política, tenhamos ou não consciência disso; portanto, assume-se um caráter educativo e político para a educação e este só cumpre seu papel quando permite a formação integral do indivíduo. Mas, o desafio permanece: como podemos falar em educação global se vivemos em uma sociedade fragmentada, imbuída de diferentes conceitos de razão, educação, ética, política, marginalidade, sociedade e cultura?

A história da educação no Brasil começou em 1549 com a chegada dos primeiros padres jesuítas, inaugurando uma fase que haveria de deixar marcas profundas na cultura e civilização do país. Movidos por intenso sentimento religioso de propagação da fé cristã. Durante mais de 200 anos, os jesuítas foram praticamente os únicos educadores no Brasil. (BARAGLIO, 2011).

Embora tivessem fundado inúmeras escolas de ler, contar e escrever, a prioridade dos jesuítas foi sempre a escola secundária, grau do ensino onde eles organizaram uma rede de colégios reconhecida por sua qualidade, alguns dos quais chegaram mesmo a oferecer modalidades de estudos equivalentes ao nível superior. Em 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal e suas colônias, abrindo um enorme vazio que não foi preenchido nas décadas seguintes (BARAGLIO, 2011).

Em 1827, no período do imperialismo, foi proclamada a primeira lei geral que regia a educação no País, que tinha por objetivo a construção de um sistema nacional de educação escolar formado por escolas elementares, secundária e superiores (NEVES, 2003).

Todavia, na década de 1920, devido ao panorama econômico-cultural e político que se delineou após a primeira grande guerra, o Brasil começou a ser repensado, em diversos setores sociais.

O setor educacional participou do movimento de renovação. Inúmeras reformas de ensino primário foram feitas em âmbito Estadual. Surgiu a primeira geração de educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Almeida Júnior, entre outros, que lideraram o movimento e tentaram implantar no Brasil os ideais da Escola Nova por meio do manifesto dos pioneiros em 1932, documento histórico que sintetizou os pontos centrais desse movimento, redefinindo o papel do Estado em matéria educacional (BARAGLIO, 2011).

Apesar do “manifesto pioneiro”, de acordo com Paiva citado por Gadotti (1995), até a 2ª Guerra Mundial, a Educação de Adultos no Brasil era unificada à Educação Popular, ou seja, uma educação para o povo, uma propagação do ensino elementar. Apenas depois da 2ª Guerra Mundial é que a Educação de Adultos foi idealizada de forma independente do ensino elementar.

Pode-se considerar o período colonial como o primeiro marco da educação de adultos no Brasil. Apesar da luta em prol do direito à educação para adultos ou pessoas que não puderam estudar na época ideal existir há muitos anos, somente na década de 30 do século XX essas lutas começaram a ganhar destaque. Haddad e di Pierro (2000, p.127), a respeito deste enfoque, comentam que:

A partir de 1940, o setor público, particularmente o governo federal, assumiu o papel de protagonista da oferta educacional dirigida à população adulta, tomando a iniciativa de promover programas próprios e acionar mecanismos de indução e controle sobre outros níveis de governo. Foi assim com as campanhas de alfabetização da década de 1950, com o MOBRAL, e com a Lei 5.692 de 1971 que institucionalizou o Ensino Supletivo. A oferta gratuita de ensino aos jovens e adultos ocorreu com a aprovação da Constituição em 1988.

Em 1969 e 1971, foram aprovadas respectivamente a Lei 5.540/68 e 5.692/71, introduzindo mudanças significativas na estrutura do Ensino Superior e do Ensino de 1º e 2º graus. A Constituição de 1988, promulgada após amplo movimento pela redemocratização do país, procurou introduzir inovações e compromissos, com destaque para a universalização do Ensino Fundamental e erradicação do analfabetismo (BARAGLIO, 2011).

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei Darcy Ribeiro, nº 9.394, de 1996 (BRASIL, 1996), a Educação de Jovens e Adultos (EJA), passou a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. Na LDB 9.394/96, em seu artigo 37 e inciso primeiro consta que:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.
 § 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

No próximo subtópico, discorreremos sobre a Educação de Jovens e Adultos, contando um pouco dos seus primórdios.

2.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

O início da história da EJA, está associada à chegada dos jesuítas ao Brasil, no período colonial, que, como afirma Cunha (1999), tiveram como objetivo principal a doutrinação religiosa da população, ou seja, um caráter mais religioso que propriamente educacional.

Entretanto, é apenas por volta dos anos 1940 que surgiram várias políticas educacionais destinadas aos trabalhadores, abrindo espaço para diversas discussões e iniciativas para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos na esfera nacional. De acordo com Ventura (2001), por volta do final dos anos 1940 e início dos anos 1950, cerca de 55% da população brasileira maior de 18 anos era constituída por analfabetos. Foi nesta ocasião que a UNESCO liderou o movimento de estímulo à criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos,

principalmente nas regiões consideradas mais atrasadas do país, elaborando o conceito de educação funcional.

Aqueles que não tiveram acesso à educação no sistema regular tinham apenas a opção de alfabetização em massa que surgiram no final da década de 1940 até o início da década de 1960, sendo elas: Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), criada em 1947, e a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) (VENTURA, 2001).

Percebiam-se muitas críticas em relação ao ensino da EJA. Questionavam-se também as deficiências administrativas, a baixa frequência dos educandos e professores, além da superficialidade do aprendizado, por julgar um curto período de tempo para a alfabetização.

A história da Educação de Jovens e Adultos se assemelha à história da alfabetização de jovens e adultos no Brasil. Iniciou-se na década de 1980 por meio de campanhas contra o analfabetismo, pois naquela época, o mesmo representava um dos grandes problemas sociais do país. Referente ao processo de alfabetização, a EJA tem passado por várias modificações. Na busca de fazer uma alfabetização de adultos que leve, efetivamente, ao domínio da linguagem escrita e não só de tecnologias e buscando inserir, de modo mais completo, o jovem e o adulto no mundo da escrita, as experiências tomam consistências diferentes e vão construindo novos paradigmas (PEREIRA, 2005).

É o caso, por exemplo, do letramento que vem mostrar uma nova concepção de prática da oralidade e da escrita. Sendo assim, de acordo com esse modelo, deve-se falar não em letramento, mas em letramentos, porque, dadas as condições políticas, sociais, culturais, econômicas e pessoais diferenciadas de aquisição e de uso da língua escrita, o estado ou condição das pessoas também será diferente (PEREIRA, 2005).

Acredita-se que, no cerne da problematização em relação ao letramento e a educação de jovens e adultos, está a falta de vivência dos professores no cotidiano dos educandos. No que diz respeito ao professor, essas condições têm a ver com sua formação, com a percepção de si mesmo e de seu papel na escola, com sua interação em relação ao conhecimento, aos alunos, ao espaço da sala de aula (PEREIRA, 2005).

Nos primórdios, os conceitos de alfabetização ocupavam-se com a aquisição da língua (oral e escrita), sem um aprofundamento e uma reflexão sobre o contexto de vida no qual o indivíduo estava inserido. De acordo com Soares (2003), não há como fugir, em se tratando de um processo complexo como a alfabetização, de uma multiplicidade de perspectivas, resultantes de diferentes áreas do conhecimento. Quando as pessoas são bem alfabetizadas tudo tende a progredir em todos os aspectos de sua vida, uma vez que terá domínio crítico da leitura e da escrita.

2.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EJA

O termo Dificuldade de Aprendizagem (DA) surgiu em 1962, proposta por Kirk, que buscou situar o problema no contexto educacional, tentando tirar o “estigma clínico” com foco somente no sujeito, apontando para outros fatores causadores da DA.

Antes de compreendermos as causas das DAs, torna-se necessário distinguir a diferença entre distúrbios e dificuldades de aprendizagem. Ciasca (2003, p. 27) aponta que um distúrbio de aprendizagem envolve situações orgânicas que impedem o indivíduo de aprender, sendo considerado como uma falha no processo de aquisição ou do desenvolvimento, tendo, portanto, caráter funcional relacionada à audição, a fala, escrita, leitura, raciocínio e habilidades matemáticas.

Quanto à dificuldade de aprendizagem, Scoz (1994) enfatiza os fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, dentro das articulações sociais que agem frente a uma predisposição momentânea da criança. Paín (1985) considera a DA como um sintoma, que cumpre uma função positiva tão integrativa como o aprender, e que pode ser determinado por fatores orgânicos, específicos, sintomáticos e ambientais. Osti (2004) revela que 90% dos professores definem as DAs como uma lentidão ou incapacidade do aluno para assimilar informações percebidas quando o mínimo esperado em rendimento escolar não é atingido pelo aluno.

Para Weisz e Sanchez (2003) a DA mostra a existência de um círculo vicioso no qual o aluno não entende o conteúdo ministrado pelo professor e diz não gostar da disciplina. Assim, o professor reduz as estratégias pedagógicas seguindo a repetição de questões padronizadas, as quais se desvinculam da aprendizagem. Na visão de Fernández (1991), as DAs são como sintomas ou ‘fraturas’ no processo em quatro níveis: o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, sendo que a dificuldade resulta da anulação das capacidades e do bloqueamento das possibilidades de aprendizagem, ilustrada pelo termo inteligência aprisionada.

Scoz (2001), explica que é uma situação proveniente de causas que se referem à estrutura individual da criança, tornando-se necessária uma intervenção psicopedagógica mais direcionada. Scoz (2001), diz que as dificuldades e os problemas de aprendizagem são parecidos, mas não iguais, mesmo que por vezes os sintomas sejam. Quanto aos problemas de aprendizagem ressalta: “É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais.” (SCOZ, 1994, p. 22).

De acordo Scoz (2001), se os educadores conseguissem distingui-los (distúrbios, problemas, dificuldades) poderiam fazer a triagem criteriosa dos alunos, sem patologizá-los frente aos processos de aprendizagem. Todavia, Coll (1992, p. 179) diz que os professores poderiam delimitar com clareza seus espaços de atuação, visto que com aprendizagens significativas “o aluno constrói, modifica, diversifica e coordena seus esquemas, estabelecendo deste modo redes de significado que enriquecem seu conhecimento de mundo físico e social e potencializa seu crescimento pessoal”. Portanto, é relevante considerar que a construção do conhecimento deriva das influências e socialização ocorridas durante a vida da pessoa.

As dificuldades cotidianas são fatores que dificultam a permanência dos alunos na EJA e interferem na aprendizagem. Entre os elementos impedidores para o prosseguimento dos estudos iniciados ou retomados na EJA, está o extraescolar como a localização demorada, a necessidade de trabalhar, a responsabilidade de sustentar e educar os membros de sua família e à distância que dificulta o acesso aos núcleos escolares. Conforme o que está exposto no art. 37, inciso 1º.

“Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho”. (LDBEN nº 9.394, 1996).

Conforme o caso, o professor ao identificar a existência de tais dificuldades poderá acompanhar o rendimento escolar percebendo qual aluno precisa de acompanhamento individualizado ou até de uma adaptação curricular. A partir disso, ao preparar o currículo escolar os professores precisam contemplar itens que correspondam às necessidades e interesses dos educandos dessa modalidade de ensino.

As possíveis causas apontadas são diversificadas e elencam vários pontos que envolvem o aluno, os pais e familiares, a escola enquanto estrutura e os professores. Entre as causas das dificuldades de aprendizagem, Ciasca (1991) cita as mudanças repentinas de escola, de cidade, as separações em seus contextos; os problemas sócio culturais e emocionais; a desorganização na rotina familiar, o excesso de atividades extracurriculares, pais muito ou pouco exigentes; envolvimento do aluno com drogas, separação dos pais; efeitos colaterais de medicações que causam hiperatividade ou sonolência, diminuindo a atenção da criança; quadros neurológicos como paralisia cerebral, epilepsia, deficiência mental, deficiências sensoriais, quadros psicológicos e/ou psiquiátricos, depressão, ansiedade, estresse, entre outros.

Também, problemas com a escola, como a falta de habilidade do professor, a falta de estímulos para a motivação do aluno, a defasagem entre o desempenho do aluno, o nível de exigência e o pedagógico. O ensino e a aprendizagem ocorrem simultaneamente e toda e qualquer dificuldade serve como um impedimento para a concretização do aprender.

Na EJA, tais fatores também podem ser considerados como causadores da dificuldade de aprender, principalmente, os aspectos referentes ao currículo “a educação oferecida a esses sujeitos está referenciada no currículo elaborado para crianças e adolescentes, o que contraria a sua especificidade estabelecida nas leis que regem a Educação de Jovens e Adultos”. (SOGLIA; SANTOS, 2010, p. 5). Sobretudo, é pertinente o que coloca Paín (1992, p. 28) ao falar da complexidade que envolve as dificuldades de aprendizagem “[...] no sentido que o não aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos”. Tais definições podem ser confundidas se envoltas em características comportamentais como acontece com os alunos da EJA, considerados preguiçosos, desatentos, sem futuro, etc. Ainda, “[...] se a aprendizagem não é uma estrutura, não resta dúvida de que ela constitui um efeito, e neste sentido é um lugar de articulação de esquemas” (PAÍN, 1992, p.15).

Há os defensores das teorias de ensino como referenciais para identificar problemas e soluções em uma proporção mais dialética. Porém, há autores defensores de que se o ensino for visto como uma atividade rotineira e estática, as teorias são desnecessárias. Mas, não existem instruções da forma ideal de como ensinar, porque as teorias têm a função de catalisar perguntas reflexivas e análises sobre a prática do ensino e a aprendizagem. Para Rosa (2000), a expectativa dos professores é a de encontrar uma proposta, um ‘método’ milagroso para o aluno aprender.

No entanto, o segredo é o professor saber o conteúdo a ser ensinado e preparar suas aulas focadas no conhecimento prévio dos seus alunos. Na visão de Pechliye e Trivelato (2005), o possível erro dos alunos deve ser considerado como parte do processo de construção do conhecimento, porque permite avanços na qualidade do ensino e aprendizagem.

Isso se confirma na afirmação de Solé e Coll (2006) de que não há definição clara para o papel do ensino e da aprendizagem na educação devido à multiplicidade e multicausalidade variáveis e imprevistas e que a construção do conhecimento pelo aluno, depende do que recebeu do professor e ouviu durante o processo de aprendizagem.

Não podemos deixar cair no esquecimento o analfabetismo no Brasil. Segundo Freire (1995), em uma sociedade de classes como a nossa, uma vez que é muito mais complicado lutar em prol da desocultação, do que trabalhar ocultando, é difícil, mas não é impossível (FREIRE, 1995). Em outras palavras, é necessário reconhecer o papel da educação e seus limites. Mas,

apesar dos obstáculos, os Movimentos Populares precisam continuar sua luta política para pressionar o Estado no sentido de cumprir o seu dever que significa jamais deixá-lo sossegado, jamais poupá-lo de sua função pedagógica, jamais consentir que suas classes predominantes durmam em Paz (FREIRE, 1995).

É sabido que a educação é a ferramenta que permite que as pessoas busquem melhores condições de vida, uma vez que ela capacita os que a ela se propõem para uma competição com mais recursos no mercado de trabalho, bem como, possibilita que as pessoas reconheçam seus direitos e o façam valer.

De acordo com Freire (1997), citar a ética é citar o compromisso com a vida humana, com o direito das pessoas, à sua dignidade, à convivência com os outros e com a esperança.

A ética universal do ser humano, que é proposta por Freire (1997), é intrínseca da prática cotidiana dos cidadãos, é o caminho que se escolhe para auxiliar o oprimido na sua conscientização para superação de sua própria condição de vida, envolvendo o processo educacional, numa prática para a liberdade. Portanto, a teoria do autor acima citado, opõe-se a educação “bancária” que serve à dominação, e aplica a educação problematizadora que convêm à libertação, na qual educador e educando se educam mutuamente em uma troca constante. O autor define ético ou qualidade ética como uma prática que educa e liberta, que vem do mais íntimo do ser, um fenômeno genuinamente da natureza humana, o impulsionando a buscar sempre mais como que por vocação.

Podemos afirmar também que a ética de que fala Freire (1997), é a que está comprometida com a vida humana, que se relaciona aos direitos das pessoas, à sua dignidade, à convivência com os demais e com a esperança.

A ética universal do ser humano, ditada ainda pelo mesmo autor, é inerente a prática habitual dos sujeitos, é o caminho que se escolhe para o auxílio do oprimido na sua conscientização para superação de sua própria condição de vida, tornando a técnica educativa, uma prática para a liberdade.

A alfabetização e a educação de adultos deveriam partir continuamente de uma análise crítica da realidade existencial dos educandos, da identificação das suas raízes e de toda a problematização que vivem de maneira a superá-los.

Tal educação deve proporcionar uma reflexão sobre seu processo individual de analisar, e que se fundamentasse no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que transcorreria sua capacidade de escolher (FREIRE, 1985).

Em resumo, Freire (1996) pontua que a Educação de Jovens e Adultos, deve ter como objetivo ajudar o sujeito em sua inserção no contexto histórico, portanto, a expressão “liberdade pela conscientização”.

É importante pontuar que a EJA tem figurado sob um novo aspecto, que implica na necessidade do não esgotamento do ato de educar na alfabetização, e que esta não esteja desligada da escolarização básica de qualidade.

Faz-se também necessário a superação da descontinuidade das atuações institucionais e o surgimento de medidas isoladas e exatas, fragmentando e impedindo a compreensão da problemática a cerca do resgate da educação.

É preciso desafiar a condução de prováveis resoluções que levem à simplificação do fenômeno do analfabetismo e do processo de alfabetização, reduzindo o problema a uma mera apresentação de números e indicadores descritivos. Conceber a Educação de Jovens e Adultos considerando a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela apelam, torna-se, pois, uma abertura renovada e transformadora nesse universo educacional (ARBACHE, 2001).

2.4 A HISTÓRIA DA EJA NO MUNICÍPIO DE CONGO-PB

A história recente da Educação de Jovens e Adultos no Congo pode ser demarcada do ano de 2013. Naquela ocasião foi firmado um convênio entre a Prefeitura Municipal e a Secretaria Municipal de Educação. Nesse convênio foram implantadas dez turmas de EJA, todas do primeiro segmento (equivalentes aos 1º a 5º anos do ensino fundamental I), com o objetivo de resgatar e incluir aquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar nas idades iniciais no campo do ensino e aprendizado.

Foram selecionados dez professores, sendo distribuídos da seguinte forma: quatro na Escola Sede, Zona Urbana; e 06, em escolas na Zona Rural. As matrículas foram feitas pelos próprios professores nas suas respectivas comunidades, são elas: a sede que fica na Escola Municipal do Congo, no sítio Santa Rita do Congo, Riacho do Algodão, Povoado do Carmo e o sítio Salgadinho; sendo 20 alunos no máximo e, no mínimo, 15 por turma. Todos os alunos deveriam ter idade acima de 16 anos, além daqueles que estavam por justificativa de repetência, ou não tiveram condições de estudar no tempo certo.

Os professores da EJA participaram de formação inicial e continuada que consistia em capacitá-los, bem como aprofundar conhecimentos que fundamentam o ensino, problematizar as representações produzidas acerca da educação e do desenvolvimento dos discentes, possibilitando uma melhor atuação dos/as profissionais em diferentes contextos.

Já o planejamento das atividades acontecia semanalmente, utilizando metodologia dinâmica para facilitar a aprendizagem. Os encontros aconteciam na Secretaria Municipal de Educação, onde os professores dialogavam entre si trocando experiências e buscando as melhores formas de ensino.

As turmas foram submetidas a diagnóstico, a compreender a realidade de cada demanda, estendido para todas as turmas. Ao término de cada ano letivo referente ao PEJA (Programa Educação Jovens e Adultos) 2013, 2014, 2015, os alunos tiveram a oportunidade de participar de todos os eventos Cívicos, como por exemplo, Projeto “Soletando”, trabalhado desde o pedagógico indo a culminância com concurso de soletração.

Ao término de cada ano, acontece a Colação de Grau com entrega de Certificado, facilitando a promoção para as séries seguintes com aprovação de 80% dos alunos matriculados.

No ano de 2015 o município do Congo, sediou o 1º EREJA (Encontro Regional de Educação Jovens e Adultos) reunindo representantes de 18 Municípios do Cariri Paraibano, tais como: Secretários Municipais de Educação, Coordenadores e Professores de Segmentos EJA, com discussão de experiências e atividades realizadas e Políticas Públicas direcionadas para EJA.

2.5 MOMENTO ATUAL DA EJA NO CONGO-PB

A identidade da Educação de Jovens e Adultos configura-se num âmbito ambíguo e, muitas vezes, contraditório, demonstrando a necessidade de uma organização na qual a população beneficiada com esse segmento educacional, realmente atinja seus objetivos enquanto cidadãos em busca de novas oportunidades, através da educação

O contexto atual revela uma sociedade em constante movimento, com intensas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, apresentando num ritmo acelerado novos desafios e possibilidades para a população. Mediante essa realidade, a educação se insere como um poderoso instrumento de modernização e avanço social.

A EJA no município do Congo tem tido continuidade e nos anos de 2016 e 2017, o município assumiu a responsabilidade de firmar compromisso de dar continuidade às turmas, tanto na zona urbana quanto na zona rural. Atualmente, existem 05 turmas sendo 01 na zona urbana e 04 na zona rural. Nessas turmas estão matriculados 96 alunos, em diferentes faixas etárias.

A Coordenação Pedagógica, faz um acompanhamento semanalmente com todas as turmas apoiando e orientando para o desenvolvimento educacional, através de um planejamento

pedagógico voltado para a realidade de cada um. Abaixo, fizemos uma lista do que deve ser considerado durante a elaboração do planejamento pedagógico da EJA:

- Recepção dos professores novatos;
- Troca de experiências entre os professores e gestores;
- Apresentação e análise dos resultados do ano anterior;
- Estabelecimento de metas e objetivos;
- Apresentação do calendário escolar, de acordo com o disponibilizado pela Secretaria de Educação;
- Revisão do Projeto Político-Pedagógico e criação de planos de ação;
- Definição da grade horária das disciplinas;
- Divisão das turmas;
- Organização das salas e dos materiais;
- Recepção dos alunos;
- Planejamento pedagógico, levando em consideração a avaliação do ano anterior e a distribuição dos conteúdos de ensino e aprendizagem.

A Educação de Jovens e Adultos na cidade do Congo apresenta alguns avanços em relação à própria história dessa modalidade. Porém, percebe-se que ainda há muito a se fazer. Em um contexto mais amplo, nota-se que existem muitos fatores importantes que levam uma significativa parte dos alunos do ensino regular a se evadir do sistema de ensino. Em alguns casos, esses alunos retornam à escola, em busca principalmente de melhores condições de trabalho e elevação da autoestima. Enfim, eles estão buscando novas possibilidades de conclusão de seus estudos, para conseguirem um avanço social.

Na cidade do Congo, a EJA configura-se como um espaço em construção, apesar de já há alguns anos fazer parte do contexto educacional da cidade. Todavia, essa modalidade educacional é muitas vezes considerada aquém da Educação Básica.

2.6 CONTRIBUIÇÕES DA EJA NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL NO CONGO-PB

Pensando na realidade atual em que a EJA se torna aos poucos cada vez mais inclusiva, e recebe cada vez mais alunos com necessidades educacionais especiais, Paulo Freire define essa escola. Segundo Freire (1987), o direito à educação não se reduz somente a estar na escola, mas sim em aprender. E, aprender para tomar consciência de seu estado de opressão, para que

assim possa se libertar daqueles que o oprimem. E para que os jovens e adultos possam aprender adequadamente, é preciso considerar o conhecimento que estes estudantes possuem.

Em geral, os estudantes da EJA possuem uma considerável experiência de vida. E, já aprenderam diferentes coisas em diferentes contextos pela necessidade que a vida lhes impõe. Estes alunos têm conhecimento, ainda que inadequados do ponto de vista escolar, daquilo que se discute em sala de aula. Se para uma criança, que possui uma experiência de vida menor, este conhecimento é de grande relevância para a aprendizagem e motivação, não seria diferente para um jovem ou adulto que está na sala de aula como estudante.

Franzi (2010, p. 2) explica que “não é tarefa fácil o reconhecimento de sujeitos jovens e adultos que têm pouca ou nenhuma inserção no mundo escolar como sujeitos que possuem saberes”. Apesar disto, desconsiderar esta realidade pode, não somente tornar o processo de aprendizagem menos efetivo, mas também, desmotivar os alunos.

Para Freire (1987), as escolas devem valorizar o conhecimento dos alunos, e mais do que isto, respeitar os saberes socialmente construídos na prática comunitária e discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos. Esta prática favorece o aprendizado e respeita o estudante como um ser capaz e um ser que sabe.

Pode-se inferir, assim, que o sucesso da EJA depende também da escola respeitar os conhecimentos que seus alunos adquiriram em suas experiências diárias. Caso esta prática não ocorra, a escola poderá não contribuir para a tarefa humanizadora que a educação tem. Paulo Freire (1987, p. 40), comenta que:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

Ao pensar na inclusão do aluno com necessidade educacional especial na EJA, deve-se ter a mesma preocupação. Afinal, este aluno também possui uma experiência de vida e concepções construídas nesta experiência. Na Pedagogia do Oprimido, Freire (1987), afirma que:

[...] de tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar.

No município do Congo, o segmento EJA, tem tido resposta com a diminuição das elevadas taxas de analfabetismo existentes anteriormente, as quais apesar de apresentarem um

decrécimo significativo nos últimos anos, principalmente na população jovem entre 20 e 30 anos, ainda está longe de alcançar um índice aceitável de analfabetos.

Nesse processo educacional, a EJA vem reconstruindo a relação de superação dos sujeitos mediante a inclusão social. Tem favorecido aos alunos da EJA, para que possam desenvolver-se e constituir-se como cidadãos atuantes conscientes.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é do tipo exploratório-descritivo, através de técnica de pesquisa de campo, especificamente de Levantamento de dados, com utilização de instrumental em forma de questionário (TRIVINOS, 1992).

A partir da técnica de Levantamento de dados realizados junto aos sujeitos da pesquisa, foram utilizadas respostas às questões de múltipla escolha formuladas no instrumental de pesquisa no qual utilizamos de recortes das falas emitidas no questionários.

A pesquisa dividiu-se em três momentos. No primeiro momento construímos o instrumento de levantamento de dados, o questionário, que é um importante instrumento de coleta de informações utilizado numa sondagem de inquérito.

No segundo momento visitamos a escola para aplicar o questionário com 05 alunos e com 05 professores, através de entrevista que é um instrumento de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objetivos da recolha de informações.

No terceiro momento fizemos as análises que passamos a descrever os resultados da pesquisa exploratória e levantamento de dados, realizado junto aos sujeitos da pesquisa.

Além disso, foi feita a pesquisa documental de maneira informal com o Gestor Educacional, onde obtivemos várias informações importantes e peculiares para aquele momento da nossa pesquisa.

3.1 ÁREA DE ESTUDO

Dentre as instituições de Ensino que atendem à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, escolhemos a Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo-PB.

A cidade do Congo fica localizada na Microrregião do Cariri Ocidental e na Mesorregião Borborema do Estado da Paraíba. Sua Área é de 274 km² representando 0.4856% do Estado, 0.0176% da Região e 0.0032% de todo o território Brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 480 metros, distando 212,0009 Km da capital (CPRM, 2005). O município foi criado em 1959 e sua população atual é de 4.602 habitantes, sendo 2.176 na área urbana, de acordo com o IBGE 2010. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.631 (PNUD, 2000).

São registrados 208 domicílios particulares permanentes com banheiro ligados à Rede Geral de Esgoto, 618 domicílios particulares permanentes com abastecimento ligado à Rede Geral de Água, e 343 domicílios particulares permanentes têm lixo coletado (CPRM, 2005).

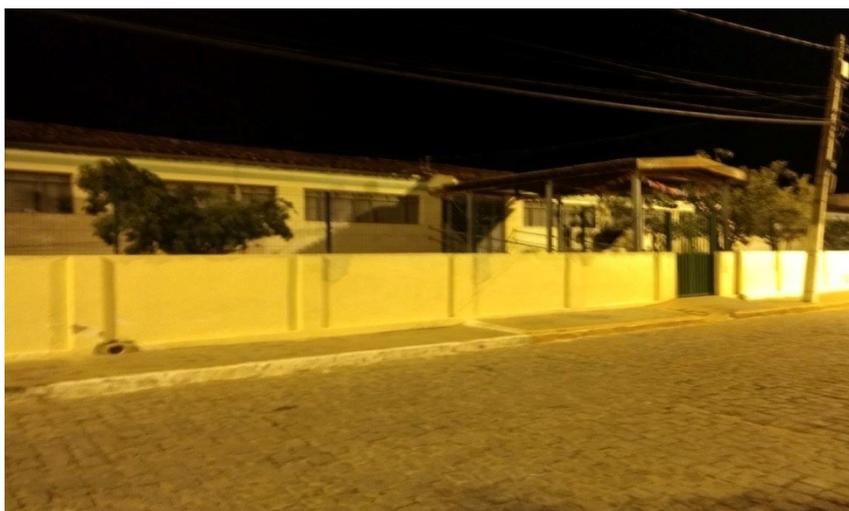
O Ensino Fundamental tem 1.049 Matrículas e o Ensino Médio 213. Nas Articulações entre as Instituições encontra-se o Convênio de Cooperação com Entidades Públicas nas áreas de Educação, Saúde, Transportes e Desenvolvimento Econômico e Consórcio Intermunicipal na área de Saúde.

Encontram-se Informatizados o Cadastro e/ou bancos de dados de Saúde, Controle de Execução Orçamentária, Cadastro de Alvarás, Cadastro de Funcionários, Folha de Pagamento e Contabilidade. Terceirizados estão Serviços de Advocacia, Obras Cívicas, Transporte Escolar, Manutenção de Estradas ou Vias Urbanas e Contabilidade. Verifica-se descentralização administrativa com a formação de Conselhos nas áreas de Educação, Saúde e Fundo Municipal na área de Saúde (CPRM, 2005).

Existem Atividades Socioculturais como Banda de Música. Informações obtidas através de pesquisas e levantamentos do IBGE e outras instituições como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, e Ministério da Educação e do Desporto INEP/MEC.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo, localizada a Rua Senador Rui Carneiro, S/N, Centro, zona urbana do município do Congo.

Figura 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental do Congo-PB



A referida escola foi fundada no ano de 1977, apresenta uma área de aproximadamente 5.600m² (cinco mil e seiscentos metros quadrados), sendo a área construída 1.090m² (um mil e noventa metros quadrados). Conta com uma boa infraestrutura, possuindo várias dependências,

sendo 13 salas de aula, todas iluminadas com lâmpadas fluorescentes, com ar condicionado, quadro branco. Cada qual possui capacidade média para alojar 40 alunos, uma secretaria, uma sala de direção, uma diretoria, um banheiro masculino com três sanitários, um banheiro feminino com quatro sanitários, um banheiro para pessoas com necessidades especiais, uma quadra de esportes coberta, um auditório, uma cozinha-refeitório, uma dispensa e pequenos espaços livres em frente e por trás da Escola e uma biblioteca. Estão sendo construídas uma sala de informática e outra biblioteca.

A Escola apresenta um quadro funcional com cerca de 37 (trinta e sete) professores, distribuídos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental I, 90% destes possui Ensino Superior e 22 (vinte e dois) são funcionários, distribuídos em: auxiliar administrativo, auxiliar de serviços gerais, vigias, que trabalham em turnos diferenciados, merendeiras e secretárias. A escola atende uma demanda de 635 (seiscentos e trinta e cinco) alunos.

A escola funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), à noite funcionam as turmas de Educação de Jovens e Adultos.

4 ANÁLISE DOS DADOS: percepções e compreensões do campo pesquisado

As análises que passamos a descrever abaixo resultam da pesquisa exploratória e levantamento de dados, realizado junto aos sujeitos da pesquisa. Metodologia adotada para descrever as narrativas, onde utilizamos de recortes das falas emitidas nos questionários, demonstradas nos retângulos a seguir.

Para identificação dos pesquisados utilizaremos os pseudônimos Aluno A, Aluno B, Aluna C, Aluna D, Aluno E. Com relação aos professores entrevistados utilizaremos o pseudônimo professor 1, professor 2, professor 3, professor 4 e professor 5.

Os sujeitos estudantes da pesquisa quando perguntados em relação à carga horária de trabalho, cerca de 80% afirmam que trabalham até 8 horas diárias e 20% declaram não trabalhar fora do domicílio, ficando responsáveis pelos afazeres domésticos.

Tendo como foco o grupo de pesquisados que trabalham até oito horas diárias, percebe-se que a maioria exercem profissões exaustivas e que não possibilitam a dedicação aos estudos tanto no exercício da função como fora dela. Stoco (2010, p. 19) afirma que,

[...] esses problemas podem acarretar dois resultados indesejáveis: tanto a desistência de muitos alunos – devido às dificuldades em assimilar os conteúdos e frequentar as aulas - quanto à perpetuação de uma formação precária para os jovens e adultos, tendo em vista o “inevitável” aligeiramento dos cursos. Em outras palavras, se o curso exige muito tempo e dedicação dos alunos no sentido de lhes oferecer muitas oportunidades de aprendizagem, há o risco da evasão. Se, ao contrário, ele suaviza essa exigência e oferta, estará promovendo o mesmo ensino precário que sempre se ofereceu a esse público.

ENTREVISTA DOS ALUNOS

Quando questionados, sobre quais as maiores dificuldades enfrentadas na trajetória de volta a escolarização, obtivemos as seguintes respostas:

(01) Aluno A: A carga horária, pois meu serviço é pesado, trabalho o dia todo no sol quente, então fica muito cansativo vir estudar.

(02) Aluno B: A carga horária, porque trabalho o dia todo e não tenho tempo para estudar em casa, só aqui na escola mesmo.

(03) Aluna C: Acordo muito cedo para trabalhar, então quando chega à noite me sinto muito cansada, às vezes, não dá vontade de vir para a escola.

(04) Aluna D: A maior dificuldade que tenho é em relação a vergonha que sinto, às vezes quero perguntar algo para a professora e fico com medo de falar algo errado e acabo ficando quieta.

(05) Aluno E: Vergonha, medo de perguntar as coisas para a professora.

Analisando os depoimentos acima, voltamos-nos a questão da carga horária de trabalho, sendo a principal dificuldade dos alunos pesquisados com relação à volta a escolarização.

Diante de tais dados, confirmam-se as posições teóricas, inspiradas nas idéias de Marx, ao indicar que o capital, ao extenuar toda a força física e mental do trabalhador, suga-lhe todo o tempo disponível, sem deixar-lhe tempo para a educação, para o desenvolvimento intelectual, para o convívio social e para o exercício livre das forças físicas e espirituais. (STOCO, 2010, p. 29).

Valorizar a história de vida do aluno da EJA por meio de práticas pedagógicas que sejam de interesse dos mesmos se torna um grande desafio, porém, se torna de um ato necessário na busca pela redescoberta da autoconfiança do aluno. Os alunos da EJA que voltam à escola, estão “abertos à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa”. (BRASIL, 2006, p. 5).

No que tange a importância atribuída pelos alunos aos estudos, questionamos se eles consideravam que a visão de mundo é importante e qual a importância que eles atribuíam aos estudos antes e depois da volta a escolarização. O que mudou?

(06) Aluno A: Mudou muito, estudar é muito importante. Porque se a gente não souber ler pode até pegar um ônibus errado, como já aconteceu comigo.

(07) Aluno B: Mudou bastante. É muito importante estudar, porque às vezes a gente vai procurar um endereço e se não souber ler nem o nome da rua, não é possível encontrar o endereço. Então, quando a gente aprende a ler dá vontade de aprender cada vez mais.

(08) Aluno C: Sim, mudou. A minha vontade é que eu aprenda logo. É bom saber ler, porque se não tem que pedir para os outros.

(09) Aluno D: Mudou, está mudando e com fé vai mudar mais ainda. Cada palavra que a gente aprende, a gente vai pra casa feliz.

(10) Aluno E: Mudou sim, é sempre importante estudar, pois quem não tem estudo, não tem nada.

Outra pergunta dizia respeito ao fato de estarem conseguindo, no decorrer do curso, aprender a ler e a escrever, que é o principal objetivo do curso.

(11) **Aluno A:** Sim, estou realmente aprendendo.

(12) **Aluno B:** Sim, apesar das muitas dificuldades encontradas estou aprendendo.

(13) **Aluno C:** Mais ou menos, sinto muita dificuldade.

(14) **Aluno D:** Sim, aprendi a ler e a escrever.

(15) **Aluno E:** Sim, estou muito feliz por esta realização de aprender a ler e a escrever.

ENTREVISTA DOS PROFESSORES

Qual foi a motivação que o levou a trabalhar com turmas de EJA?

Professor 1 – A EJA, foi um desafio, uma vez que não havia trabalhado com essa modalidade ainda. Trabalhar com adultos é muito diferente de trabalhar com crianças e adolescentes em classes normais.

Professor 2 – A educação traz sempre novos caminhos e a EJA foi um deles. Foi uma oportunidade nova. Uma nova modalidade, uma nova experiência.

Professor 3 – Estava com meus horários noturnos vagos, e a EJA foi uma oportunidade de preencher minha carga horária e uma nova forma de renda.

Professor 4 – Sou apaixonado pelo que faço. A educação sem sombra de dúvidas é o que gosto de fazer, e a EJA, veio em boa hora, pude aprender muito. Já é meu Segundo ano em turmas de EJA. No começo, achei que pudesse encontrar algumas dificuldades, mas é sempre um grande prazer educar, e a EJA tem um encantamento maior, uma vez que contribuo na formação de pessoas que talvez antes não tivessem essa oportunidade.

Professor 5 – A educação sempre é um desafio e uma motivação. Foi uma oportunidade de poder me dedicar a quem precisa tanto de aprender. Espero contribuir com o crescimento dos meus alunos.

Qual a maior dificuldade enfrentada para que ocorra o processo de ensino e aprendizagem?

Professor 1 – Os alunos nem sempre estão dispostos, muitos deles estão ali apenas para conseguirem um certificado de conclusão do ensino médio. Isso é um entrave no processo de ensino e de aprendizagem.

Professor 2 – Muitos alunos enfrentam uma jornada de trabalho desgastante antes de virem para a escola e o cansaço físico atrapalha todo o processo, uma vez que cansados, estão pouco dispostos.

Professor 3 – Alguns alunos se julgam incapazes, acham que não conseguem aprender e, por isso, se esforçam muito pouco.

Professor 4 – Alguns dos meus alunos de EJA vêm de um dia estressante, fisicamente esgotados, e muitos têm muito pouco tempo para se dedicarem as matérias, alguns estão tão cansados que chegam a dormir nas últimas aulas.

Professor 5 – Muitos alunos estão muito cansados, muitos trabalham na construção civil, outros fazem trabalhos braçais, seu esgotamento é tão visível que eles se esforçam até em conseguir chegar ao último horário. Outros se dedicam o quanto podem.

Você possui especialização em EJA? Se não, tem a intenção de se especializar? Se sim, em que contribui para a sua prática docente?

Professor 1 – Não, não sou especialista em EJA, porém tenho especialização em Educação Inclusiva. Ainda não tive a oportunidade de fazer uma Pós-Graduação em EJA.

Professor 2 – Não, não sou pós-graduado ainda, mas sinto muita necessidade em fazer um curso voltado para a EJA.

Professor 3 – Sim, eu fiz uma Pós à distância que em muito pouco contribui para minha prática docente.

Professor 4 – Fiz uma Pós-Graduação em EJA à distância. Contribui muito pouco uma vez que não tive muitas aulas presenciais e o pouco que aprendi foi o que busquei.

Professor 5 – Não, ainda não me especializei, mas leio muito sobre o assunto e tudo que aprendi foi com minhas leituras, mas, tem muito pouco material sobre esse assunto.

Você tem conseguido alcançar e motivar seus alunos?

Professor 1 – Às vezes, muitos alunos de EJA são bem limitados, até pelo seu histórico.

Professor 2 – Procuro sempre trazer materiais novos, com bastante dinâmicas, atividades pouco estressante uma vez que meus alunos já chegam bastante cansados.

Professor 3 – Alguns se julgam incapazes e, por isso, procuro não cobrar muito deles, respeito sempre suas limitações. Mas, tenho obtido alguns resultados positivos na minha matéria.

Professor 4 – Evito atividades que cansem muito eles, uma vez que alguns têm um dia muito pesado. Procuo atividades mais leves, e que produzam o resultado que planejei para aquela aula.

Professor 5 – Temos que ter consciência ao fazermos nosso planejamento que as limitações desses alunos são bem grandes, não pode planejar nada que ultrapasse essa limitação, para isso temos que buscar conhecer nossos alunos para sabermos elaborar bem nossos planejamentos, a fim de conseguirmos cumpri-lo.

O que utiliza em sua prática docente que favoreça seu trabalho?

Professor 1 – Utilizo sempre temas da atualidade, produzindo debates, assim as aulas são menos maçantes e o rendimento é sempre melhor.

Professor 2 – Sempre que posso, utilizo textos “xerocados” com algum assunto interessante, utilizo muito também os acontecimentos de seus dias de trabalho, principalmente em produção de texto.

Professor 3 – Procuo utilizar os recursos disponíveis na escola, às vezes, promovo aulas com DVDs (filmes), que possam abordar as matérias que estamos trabalhando.

Professor 4 – Utilizo o básico que a escola dispõe para o nosso trabalho. Não temos muitos recursos.

Professor 5 – Não dá para trabalhar com alunos de EJA as matérias como que com alunos das turmas regulares. Sempre procuro discutir temas da atualidade, promovo debates, faço rodas de discussão, onde todos participam e acabam esquecendo o cansaço físico do dia de trabalho.

Sabe-se que a educação como um todo é capaz de transformar a vida de um indivíduo e a EJA proporciona ao aluno a oportunidade de reescrever sua própria história, tornando-se sujeito autônomo e independente. Muito embora, os processos de ensino na EJA possam ser configurados aos modelos socioeconômicos e culturais em determinada época.

5 CONCLUSÕES

Durante as observações realizadas em sala foi possível perceber a interação dos alunos com a professora e com os colegas. Embora, alguns um pouco mais tímidos, porém se sentiam a vontade com os demais, tornando a aula mais dinâmica e com a participação da grande maioria nos questionamos sobre o conteúdo.

Analisando as entrevistas podemos observar o quão importante é a visão que o aluno da EJA tem da escola e da volta à escolarização, tornando-se fator principal da permanência dos mesmos na escola.

Na educação como um todo, e principalmente no ensino da EJA, temos que tratar os alunos como seres construtores da própria história, sujeitos com singularidades que buscam no retorno à escolarização uma maior valorização pessoal e a inclusão na sociedade.

A educação de Jovens e Adultos deve estar direcionada a um público específico: jovens, adultos ou idosos que não tiveram acesso a escola em idade própria ou não tiveram a oportunidade de prosseguir os estudos devido aos mais variados fatores, alheios ou não a sua vontade. Embora tragam consigo uma vasta bagagem de conhecimentos adquiridos como experiência de vida, ao buscar a escola procuram obter a educação formal que garanta oportunidades de emprego.

No entanto, não deve ser vista como educação compensatória pela falta de estudo na infância, mas como uma oportunidade de responder às necessidades formativas dos alunos que a procuram.

Um sentimento frequentemente associado ao universo da EJA é a baixa autoestima dos alunos, resultante das situações de fracasso vivenciadas anteriormente, a saber: exclusão social e repetência escolar.

Outro sentimento é a vergonha de sua condição de iletrado, pois a falta de leitura e escrita prejudica a qualidade de vida, dificultando as oportunidades no mundo do trabalho. Para tanto, os alunos apontam a importância da relação entre professor e aluno e que o educador deve agir como um mediador no processo de aquisição do conhecimento formal.

As relações afetivas não podem ser ignoradas e precisam ser levadas em conta no planejamento das atividades escolares, pois as decisões assumidas pelo professor podem ser o diferencial entre o sucesso ou o fracasso na experiência da aprendizagem.

Os alunos esperam que a relação professor-aluno continue sendo amigável, mas que haja mais afetividade, aqui traduzida como o uso de uma linguagem adequada por parte do professor, o respeito pela individualidade do ritmo de cada aluno, tolerância pela condição de aprendizes,

a prática do diálogo e oferta de conteúdos significativos a suas vidas. Importante também ressaltar a necessidade da formação continuada para os profissionais da EJA. A participação em grupos de estudos contribui para a formação, pois são oportunidades de trocas de ideias com seus pares na busca de soluções para as dúvidas que afligem os profissionais que trabalham com a modalidade EJA.

Em suma, pode-se concluir que a experiência da implementação na escola atingiu parcialmente os seus objetivos na aplicação de ações na realidade escolar com a finalidade de minimizar os problemas ali detectados. No entanto, possibilitou a reflexão sobre a prática pedagógica, identificando os acertos e os erros no processo de implementação, que devem ser levados em consideração em caso de repetição da experiência.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2003. Acesso em: Estatísticas da Saúde; Mortalidade 1992. Porto Alegre: Secretaria da Saúde, 1995; Rio Grande do Sul.

BARAGLIO, Gisele Finatti.A. **A história da Educação no Brasil-um breve resumo.** 2011. Disponível no site: www.gisele-finatti-baraglio.blogspot.com.br. Acesso em 29/06/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em . Acesso em: abril de 2014.

CUNHA, Conceição Maria da.**Introdução – discutindo conceitos básicos.** In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município do Congo, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: www.cprm.gov.br, Acesso: 20 de Junho de 2017.

CIASCA, Sylvia Maria. **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003. 18

_____, Sylvia Maria. **Diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem em crianças: análise de uma prática interdisciplinar.** Dissertação de mestrado, USP, 1991.

COLL, César. **As contribuições da Psicologia para a Educação: Teoria Genética e Aprendizagem Escolar.** In: LEITE, L. B. (Org). Piaget e a Escola de Genebra. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO M. Clara. **Escolarização de Jovens e adultos.** Revista Brasileira de Educação. nº. 14, maio/jun/jul/ago 2000.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da pedagogia.** 4º ed. São Paulo: Nacional. 1981.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), São Paulo, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso em: Jun. de 2017.

BRASIL. MEC. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Brasília, 2006.

OSTI, Andréa. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

PERREIRA, M. L. C. **A construção do letramento na educação de jovens e adultos**. 1. ed., 1 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica/FHC –FUMEC, 2005.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1985.

PECHLIYE, Magda Medhat; TRIVELATO, Silvia Luzia Frateschi. **Sobre o que professores de ecologia refletem quando falam de suas práticas**. Revista Ensaio. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 1-16, 2005. Disponível em: . Acesso em: maio de 2014.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira **História da Educação no Brasil**. 20º ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSA, Sanny S. da. Homens, **história e cultura: Explicando mudanças e resistências**. In: ROSA, S, S. Construtivismo e mudança. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SOARES, Magda Becker **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STOCO, Heloisa Pancieri. **A educação de jovens e adultos trabalhadores no PROEJA: acesso e permanência no CEFET-BA**. Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA Nº 01. Bahia: 2010 – Disponível em <www.revistapindorama.ifba.edu.br> Acesso em 06 jul. de 2017.

SOGLIA, Ioneide Sales. SANTOS, Cleide Selma Pereira dos. **Educação de Jovens e Adultos: expectativas e dificuldades**. 2010. Disponível em: . Acesso em: JUNHO de 2017.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

VENTURA, Zuenir. 1968: **o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O Diálogo entre Ensino e Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2003.

APÊNDICES

**APÊNDICE 1 - ENTREVISTA APLICADA JUNTO AOS ALUNOS DA EJA DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL –CONGO-PB.**

FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS

1-VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

DATA: _____ **PESQUISADOR (A):** _____

1) LOCALIDADE: _____

2) NOME: _____

3) GÊNERO: _____

4) FAIXA ETÁRIA (IDADE) _____

5) Nº DE PESSOAS QUE RESIDEM NA CASA ()

6) SITUAÇÃO ESCOLAR

- a) Alfabetizado () sim () não
- b) EJA () sim () não
- c) 1º grau completo () sim () não
- d) 1º grau incompleto () sim () não
- e) 2º grau completo () sim () não
- f) 2º grau incompleto () sim () não
- g) 3º grau completo () sim () não
- h) 3º grau incompleto () sim () não
- i) Iltrado () sim () não

7) ESTADO CIVIL

- a) Solteiro (a) ()
- b) Casado(a) ()
- c) Separado (a) ()
- e) Viúvo (a) ()
- f) União estável ()
- g) Outros (). Qual: _____

8) NÚMERO DE FILHOS

- a) Nenhum ()
- b) 1 a 2 filhos ()
- c) 3 a 4 filhos ()
- d) 5 filhos ou mais ()

9) RENDA DA FAMÍLIA

- a) Pensionista ()
- b) Aposentado()

- c) Pensão alimentícia ()

- d) Funcionário público ()

- e) Beneficiário do Bolsa Família ()

- f) Desempregada(o) ()

- g) Outros (). Especificar: _____

II – INFORMAÇÕES RELACIONADAS AS TURMAS DA EJA DA REFERIDA ESCOLA

10) Qual a sua maior dificuldade com relação a carga horária de trabalho e, em seguida, estudar?

11) Quais as maiores dificuldades enfrentadas na trajetória de volta a escolarização?

12)Qual a importância dos estudos antes e depois da volta a escolarização?

13) Você está conseguindo alcançar o seu objetivo que é aprender a ler e a escrever?

Sim ()

Não ()

**APÊNDICE 2 - ENTREVISTA APLICADA JUNTO AOS DOCENTES DA EJA DA
ESCOLAMUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL – CONGO-PB.**

14) QUAL A MOTIVAÇÃO QUE O LEVOU A TRABALHAR COM AS TURMAS EJA?

15) QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENFRENTADA PARA QUE OCORRA O
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM?

16) VOCÊ POSSUI ESPECIALIZAÇÃO EM EJA? SE NÃO, TEM A INTENÇÃO DE SE
ESPECIALIZAR? SE SIM, EM QUE CONTRIBUI PARA A PRÁTICA DOCENTE?

17) VOCÊ TEM CONSEGUIDO ALCANÇAR E MOTIVAR SEUS ALUNOS?

18) O QUE VOCÊ UTILIZA EM SUA PRÁTICA DOCENTE QUE FAVOREÇA SEU
TRABALHO?

APÊNDICE 3 – REGISTROS DAS ENTREVISTAS AOS ALUNOS DA EJA CONGO-PB

